ISSN: 2358-8829

CORPOS QUE MENSTRUAM SOB O OLHAR PÚBLICO: UMA ANÁLISE DO CURRÍCULO OCULTO NAS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEA

Alice Juliana de Sousa [1][2]
Roselha Silva Machado [3]
Vanderleia Araujo Conceição [4]
Adriano Sales Sousa [5]
Miguel Bento da Silva Filho [6]
Camila Campelo de Sousa [7]

INTRODUÇÃO

A menstruação constitui um processo fisiológico que, para além de sua dimensão biológica, é atravessado por significados sociais e culturais que influenciam a maneira como os corpos que menstruam são percebidos e representados. Johnston-Robledo e Chrisler (2013) destacam que essa experiência permanece associada a estigmas relacionados à vergonha, ao silêncio e à instabilidade emocional, frequentemente reproduzidos nas interações cotidianas. No contexto contemporâneo, tais concepções também circulam nos meios de comunicação e nas plataformas digitais, que participam da construção de significados sobre o corpo e as relações de gênero, conforme a perspectiva de representação cultural desenvolvida por Hall (1997).

[1] Mestranda do Curso de Pós - Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB) da Universidade Federal Do Maranhão – UFMA, alice.juliana@discente.ufma.br;
[2] Mestranda do Curso de Pós - Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB) da Universidade Federal Do Maranhão – UFMA, roselha.silva@discente.ufma.br;
[3] Mestranda do Curso de Pós - Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB) da Universidade Federal Do Maranhão – UFMA, Conceiçãovanderleia.ac@discente.ufma.br;
[4] Mestrando do Curso de Pós - Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB) da Universidade Federal Do Maranhão – UFMA, sousa.adriano@discente.ufma.br
[5] Doutora em Ciências/ Genética e Melhoramento de Plantas (USP);

ISSN: 2358-8829

As representações midiáticas da menstruação podem assumir diferentes sentidos, incluindo a reprodução de estereótipos, sua incorporação às estratégias de consumo e o questionamento de tabus relacionados à visibilidade do sangue menstrual. Para Fischer (2002), os meios de comunicação constituem espaços de produção de discursos que participam dos processos formativos, influenciando percepções e comportamentos sociais. Essa dimensão educativa aproxima-se das discussões sobre currículo oculto, compreendido por Silva (2010) como o conjunto de aprendizagens implícitas que transmitem valores, normas e expectativas nas experiências escolares.

Nesse cenário, destacam-se três episódios de circulação pública: a utilização da expressão “acordou de chico” por Neymar para questionar uma decisão da arbitragem; a divulgação de mensalidades de 37 dias para mulheres na academia W Gym, associada a Virginia Fonseca; e a manifestação de Aline Riscado após a exposição de uma mancha de sangue menstrual durante uma prática de yoga. Embora apresentem contextos distintos, esses acontecimentos evidenciam diferentes formas de atribuição de significados à menstruação, tornando pertinente sua investigação a partir das relações entre mídia, gênero e educação.

Diante disso, a pesquisa parte da seguinte questão norteadora: de que maneira as representações midiáticas contemporâneas sobre a menstruação expressam valores associados ao currículo oculto e quais implicações apresentam para a educação em saúde menstrual? O objetivo consiste em analisar criticamente três episódios midiáticos relacionados à menstruação, identificando os significados socioculturais presentes nos discursos e suas possíveis implicações educativas. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, exploratória e documental, fundamentada na análise de conteúdo de Bardin (2016), com organização dos achados em categorias temáticas.

A análise identificou três categorias principais: menstruação como instrumento de desqualificação, menstruação como elemento de diferenciação mercadológica e visibilidade menstrual como possibilidade de contestação do estigma. Esses resultados indicam que os discursos midiáticos mobilizam valores e expectativas sobre os corpos que menstruam, oferecendo possibilidades de problematização no contexto educacional. Nessa perspectiva, a compreensão ampliada da saúde menstrual proposta por Hennegan et al. (2021) reforça a importância de práticas educativas que articulem conhecimentos científicos, respeito às diferenças e reflexão crítica sobre as representações culturais.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, fundamentada na análise documental de representações midiáticas contemporâneas relacionadas à menstruação. Conforme Minayo (2014), a abordagem qualitativa permite compreender significados, valores e práticas presentes nas relações sociais. Adotou-se a pesquisa documental por possibilitar a investigação de registros produzidos em contextos específicos, considerando sua autoria, natureza e condições de circulação (Cellard, 2008).

O corpus foi constituído intencionalmente por três registros de circulação pública em ambientes digitais, envolvendo Neymar, Virginia Fonseca e Aline Riscado. A seleção considerou a pertinência temática, a diversidade das representações menstruais e as possibilidades de discussão educacional. Os documentos compreendem uma publicação que repercute a expressão “acordou de chico”, utilizada por Neymar ao questionar a arbitragem; a divulgação da mensalidade de 37 dias para mulheres na academia W Gym, associada a Virginia Fonseca; e uma publicação de Aline Riscado relacionada à exposição de sangue menstrual durante uma prática de yoga.

A organização e a interpretação dos documentos fundamentaram-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), contemplando três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Inicialmente, foram identificados os elementos textuais e visuais relacionados à menstruação; posteriormente, os registros foram organizados segundo seus sentidos predominantes; por fim, realizou-se a interpretação dos achados à luz das discussões sobre currículo oculto, representações culturais, gênero e saúde menstrual. Desse processo resultaram três categorias analíticas: menstruação como instrumento de desqualificação, menstruação como elemento de diferenciação mercadológica e visibilidade menstrual como possibilidade de contestação do estigma.

Quanto aos aspectos éticos, a investigação restringiu-se à análise de documentos de circulação pública, sem interação direta com participantes. A utilização desses registros exige atenção à identificação das fontes, ao contexto original das manifestações e aos direitos de imagem, observando-se as disposições aplicáveis da Resolução CNS nº 510/2016. As interpretações foram delimitadas ao conteúdo documental, sem atribuição de intenções não demonstradas aos envolvidos ou generalização dos resultados para outros contextos.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Currículo oculto e representações midiáticas

O currículo oculto compreende aprendizagens implícitas relacionadas à transmissão de valores, normas e expectativas que, embora não integrem formalmente os conteúdos escolares, influenciam a formação dos sujeitos (Silva, 2010). Essa compreensão dialoga com os estudos sobre pedagogias culturais, que reconhecem a participação de diferentes espaços sociais na produção de conhecimentos e identidades. Fischer (2002) destaca que a mídia exerce uma função pedagógica ao produzir discursos e referências culturais que participam da construção de percepções sobre a realidade. Nesse contexto, Hall (1997) compreende a representação como um processo de produção e circulação de significados, permitindo analisar como os discursos midiáticos atribuem sentidos às experiências corporais e às relações de gênero.

A dimensão educativa das representações midiáticas também pode ser compreendida a partir de Ellsworth (2001), que discute os modos de endereçamento das produções culturais e as diferentes posições assumidas pelos públicos diante das mensagens. Essa perspectiva evidencia que os discursos não produzem interpretações necessariamente uniformes, pois sua recepção depende das experiências e dos contextos socioculturais dos sujeitos. Assim, as manifestações públicas relacionadas à menstruação podem contribuir para a circulação de concepções sobre o corpo, a saúde e o comportamento, sem que seus efeitos sejam considerados automáticos ou homogêneos (Ellsworth, 2001).

A articulação entre currículo oculto e representações midiáticas possibilita investigar como valores socialmente difundidos podem atravessar as relações escolares. Silva (2010) demonstra que as aprendizagens implícitas participam da reprodução de normas e expectativas no cotidiano educativo, enquanto Fischer (2002) evidencia a dimensão formativa dos discursos midiáticos. Dessa maneira, a análise de manifestações públicas sobre a menstruação permite problematizar significados culturais que podem ser reproduzidos ou questionados nas experiências escolares, especialmente aqueles relacionados aos estereótipos de gênero e às expectativas sobre os corpos que menstruam.

Gênero, estigmatização e educação em saúde menstrual

ISSN: 2358-8829

Os significados atribuídos à menstruação ultrapassam sua dimensão fisiológica, envolvendo construções históricas e culturais relacionadas ao gênero. Scott (1986) compreende o gênero como uma categoria de análise das relações sociais e de poder, contribuindo para explicar como características corporais podem ser utilizadas para estabelecer diferenças e expectativas sobre os sujeitos. Nesse contexto, Goffman (1963) analisa o estigma como um processo de desvalorização social de determinados atributos, enquanto Johnston-Robledo e Chrisler (2013) identificam a vergonha, o silêncio e a necessidade de ocultamento como manifestações da estigmatização menstrual.

As representações sobre a menstruação também estão presentes nas relações de consumo e nas disputas relacionadas à visibilidade corporal. Kissling (2006) demonstra como a indústria incorpora experiências menstruais às estratégias comerciais, frequentemente associando o ciclo menstrual à necessidade de controle e adequação do corpo às expectativas sociais. Em contrapartida, Bobel (2010) analisa o ativismo menstrual como uma possibilidade de questionamento das normas culturais que vinculam a menstruação ao constrangimento e à invisibilidade. Essas perspectivas contribuem para compreender como os discursos públicos podem tanto reproduzir estereótipos quanto favorecer sua contestação.

A compreensão da saúde menstrual exige considerar aspectos que ultrapassam o funcionamento biológico e as práticas de higiene. Hennegan et al. (2021) definem a saúde menstrual a partir do bem-estar físico, mental e social, envolvendo acesso à informação, recursos adequados e condições de participação nas atividades cotidianas sem discriminação. No contexto brasileiro, o relatório do UNICEF e do UNFPA (2021) evidencia que as desigualdades relacionadas ao saneamento, aos produtos menstruais e ao acesso à informação comprometem a dignidade e o exercício de direitos, reforçando a importância de abordagens educativas que reconheçam a diversidade das experiências menstruais.

No ambiente escolar, a educação em saúde menstrual pode articular conhecimentos científicos à reflexão crítica sobre os significados atribuídos ao corpo e ao gênero. Freire (1996) defende uma prática educativa fundamentada no diálogo e na problematização da realidade, favorecendo a formação de sujeitos capazes de questionar concepções socialmente naturalizadas. Nessa perspectiva, a análise de representações midiáticas relacionadas à menstruação pode contribuir para práticas pedagógicas que

ISSN: 2358-8829

discutam estereótipos, consumo e visibilidade corporal, ampliando a abordagem do tema para além dos aspectos exclusivamente fisiológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos três documentos selecionados evidenciou diferentes formas de representação da menstruação nos discursos midiáticos contemporâneos. A partir da categorização temática proposta por Bardin (2016), foram identificadas três dimensões: a utilização da menstruação como instrumento de desqualificação, sua incorporação às estratégias de consumo e a visibilidade do sangue menstrual como possibilidade de contestação de estigmas. Essas manifestações demonstram que os significados atribuídos ao ciclo menstrual são construídos em contextos sociais específicos, conforme a perspectiva de representação cultural discutida por Hall (1997).

Quadro 1 – Síntese das categorias e dos achados documentais

Categoria analítica	Episódio	Principal achado
Menstruação e desqualificação	Neymar	Associação do ciclo menstrual à instabilidade emocional e à incapacidade de julgamento
Menstruação e consumo	Virginia Fonseca	Utilização da experiência menstrual como justificativa para uma condição comercial diferenciada
Visibilidade menstrual	Aline Riscado	Exposição do sangue menstrual e questionamento de normas culturais de ocultamento

Fonte: Elaboração dos autores (2026), com base nos documentos analisados.

Menstruação como instrumento de desqualificação

O primeiro episódio refere-se à utilização da expressão “acordou de chico” por Neymar ao questionar a atuação da arbitragem em uma partida de futebol. A manifestação associa simbolicamente a menstruação à instabilidade emocional, transformando uma experiência fisiológica em recurso de desqualificação profissional. Esse resultado aproxima-se das discussões de Johnston-Robledo e Chrisler (2013), que identificam a persistência de estereótipos negativos relacionados ao ciclo menstrual.

A expressão evidencia que a estigmatização não depende necessariamente da presença de uma pessoa menstruante, pois determinados atributos corporais podem ser mobilizados para produzir julgamentos depreciativos. Goffman (1963) explica que o estigma resulta de processos sociais que atribuem significados negativos a características específicas. Nesse sentido, o episódio revela como a linguagem cotidiana pode reproduzir concepções que vinculam a menstruação à incapacidade de julgamento.

No contexto educacional, essa representação permite problematizar expressões naturalizadas nas interações sociais e escolares. Silva (2010) destaca que o currículo oculto envolve a transmissão implícita de valores e expectativas, inclusive por meio das relações cotidianas. Assim, a análise crítica de discursos semelhantes pode contribuir para discutir preconceitos de gênero e evitar que características fisiológicas sejam utilizadas como justificativa para desvalorizar indivíduos.

Menstruação como elemento de diferenciação mercadológica

O segundo documento corresponde à divulgação de uma mensalidade de 37 dias para mulheres na academia W Gym, associada à influenciadora Virginia Fonseca. A proposta apresenta o período menstrual como justificativa para ampliar o tempo de utilização do serviço, incorporando uma experiência corporal à estratégia comercial. Kissling (2006) demonstra que a indústria frequentemente mobiliza representações sobre a menstruação para promover produtos e serviços, associando necessidades corporais a práticas de consumo.

O resultado apresenta uma dimensão ambivalente: a iniciativa pode representar o reconhecimento de necessidades de determinadas consumidoras, mas também pressupõe uma relação generalizada entre menstruação e interrupção das atividades físicas. Hennegan et al. (2021) ressaltam que a saúde menstrual envolve experiências individuais e condições diversas de bem-estar, não podendo ser compreendida a partir de padrões uniformes. Portanto, a análise não permite classificar a proposta como necessariamente prejudicial ou inclusiva, mas evidencia a importância de examinar criticamente os significados mobilizados pela publicidade.

No campo educacional, esse episódio possibilita discutir as relações entre corpo, consumo e construção de necessidades sociais. Fischer (2002) compreende a mídia como espaço de circulação de discursos que participam dos processos formativos. Dessa perspectiva, a análise de campanhas publicitárias relacionadas à menstruação pode

ISSN: 2358-8829

favorecer reflexões sobre estratégias comerciais, diversidade corporal e autonomia nas decisões de consumo.

Visibilidade menstrual e contestação do estigma

O terceiro episódio envolve Aline Riscado, que abordou publicamente uma situação ocorrida durante uma prática de yoga, quando uma mancha de sangue menstrual tornou-se visível em sua roupa. Diferentemente dos casos anteriores, o documento apresenta uma experiência corporal concreta cuja exposição permite discutir os significados atribuídos ao sangue menstrual. Johnston-Robledo e Chrisler (2013) demonstram que a necessidade de ocultar sinais da menstruação constitui uma das manifestações de seu estigma social.

A manifestação posterior da artista possibilita interpretar o episódio como um questionamento das expectativas de vergonha e constrangimento associadas à visibilidade menstrual. Bobel (2010) identifica a contestação dessas normas como uma dimensão relevante das discussões sobre autonomia corporal e ativismo menstrual, embora nem toda manifestação pública deva ser automaticamente classificada como ativismo. Nesse caso, o achado central está na possibilidade de tratar a experiência menstrual publicamente sem reduzi-la a uma situação de inadequação.

Para a educação em saúde menstrual, o episódio oferece elementos para discutir respeito, privacidade e enfrentamento de situações de constrangimento relacionadas ao corpo. Louro (1997) destaca que as relações escolares participam da construção de expectativas sobre gênero e diferenças corporais. Dessa maneira, a problematização dessas representações pode contribuir para práticas educativas que valorizem a dignidade e o respeito às experiências menstruais.

Síntese interpretativa dos resultados

A comparação dos três episódios demonstra que a menstruação assume diferentes funções discursivas: instrumento de desqualificação, argumento de diferenciação comercial e experiência corporal cuja visibilidade pode questionar tabus. Embora distintas, essas representações evidenciam a permanência de expectativas sociais relacionadas aos corpos que menstruam, cuja construção pode ser compreendida a partir das relações de gênero discutidas por Scott (1986).

A principal contribuição da pesquisa consiste em demonstrar que esses discursos podem constituir materiais de reflexão crítica no contexto escolar, especialmente quando relacionados às aprendizagens implícitas do currículo oculto. Entretanto, como a

investigação se restringiu à análise documental, não foram examinadas as interpretações dos públicos nem os efeitos concretos dessas manifestações sobre estudantes e professores. As implicações educativas apresentadas correspondem, portanto, a possibilidades de problematização pedagógica, e não a resultados de intervenções escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu compreender que as representações midiáticas contemporâneas sobre a menstruação expressam diferentes valores e expectativas sociais relacionados aos corpos que menstruam. A análise dos episódios envolvendo Neymar, Virginia Fonseca e Aline Riscado evidenciou três dimensões principais: a reprodução de estereótipos por meio da linguagem, a incorporação da experiência menstrual às estratégias de consumo e a possibilidade de contestação de tabus associados à visibilidade do sangue menstrual. Esses resultados demonstram que a menstruação ultrapassa sua dimensão fisiológica, constituindo também um fenômeno atravessado por significados culturais e relações de gênero.

No campo educacional, os achados indicam a relevância de problematizar essas representações nas práticas de ensino, considerando suas possíveis relações com valores e expectativas transmitidos implicitamente no cotidiano escolar. A utilização crítica de conteúdos midiáticos pode contribuir para uma educação em saúde menstrual que articule conhecimentos científicos, respeito à diversidade corporal e enfrentamento de preconceitos, ampliando a discussão para além dos aspectos exclusivamente biológicos.

Por se tratar de uma pesquisa documental restrita a três episódios, os resultados não permitem generalizações nem conclusões sobre os efeitos dessas manifestações na percepção de estudantes e professores. Recomenda-se, portanto, a realização de investigações que examinem a recepção desses discursos no ambiente escolar e suas possibilidades de utilização em práticas pedagógicas. Dessa forma, o estudo contribui para ampliar o debate sobre mídia, currículo oculto e saúde menstrual, destacando a importância de uma formação crítica e comprometida com a dignidade dos corpos que menstruam.

Palavras-chave: Saúde menstrual; Currículo oculto; Representações midiáticas; Estigma menstrual; Educação em Ciências.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOBEL, Chris. **New blood: third-wave feminism and the politics of menstruation**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2010.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. DOI: https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: notes on the management of spoiled identity**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

HALL, Stuart (org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications, 1997.

HENNEGAN, Julie et al. Menstrual health: a definition for policy, practice, and research. **Sexual and Reproductive Health Matters**, v. 29, n. 1, artigo 1911618, 2021. DOI: https://doi.org/10.1080/26410397.2021.1911618.

JOHNSTON-ROBLEDO, Ingrid; CHRISLER, Joan C. The menstrual mark: menstruation as social stigma. **Sex Roles**, v. 68, p. 9-18, 2013. DOI: https://doi.org/10.1007/s11199-011-0052-z.

KISSLING, Elizabeth Arveda. **Capitalizing on the curse: the business of menstruation**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986. DOI: https://doi.org/10.2307/1864376.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ISSN: 2358-8829

UNICEF; UNFPA. **Pobreza menstrual no Brasil: desigualdades e violações de direitos**. Brasília: UNICEF; UNFPA, 2021.